

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

GIOVANNA SILVESTRE MACEDO

Do Branco à Carne:

violência, feminismos e os ideais de beleza

Uberlândia

2021

GIOVANNA SILVESTRE MACEDO

Do Branco à Carne:

violência, feminismos e os ideais de beleza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Vieira Peçanha
Barbosa

Co-orientadora: Profa. Me. Camila Soares de
Barros

Uberlândia

2021

GIOVANNA SILVESTRE MACEDO

Do Branco à Carne:

violência, feminismo e os ideais de beleza

Monografia apresentada ao Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Dança.

Presidente da banca:

Profª Dra. Vivian Vieira Peçanha Barbosa - Curso de Dança-UFU

Banca Examinadora:

Profª Ma. Camila Soares de Barros

Prof . Dr. Alexandre José Molina - Curso de Dança-UFU

Prof . Dr. Jarbas Siqueira Ramos - Curso de Dança-UFU

Aprovada em:

Uberlândia, _____ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais Fernanda Cristina Silvestre Macedo e Sideni Eugênio Macedo por todo o apoio que me deram durante a minha trajetória dentro da dança e principalmente quando eu escolhi seguir esse caminho profissionalmente, obrigada pelos investimentos feitos para que eu realizasse os meus sonhos e por terem acreditado e seguirem acreditando em mim. Agradeço ao meu avô José Vandi Silvestre por todo o apoio e por sempre fazer de tudo para me ver feliz e realizada. Agradeço à minha avó Dilma Maria Silvestre por todo o apoio, o prestígio e por sempre fazer o possível e o impossível por mim. Agradeço à minha tia Anaelis Macedo e a minha madrastra Keila Cristina Gomes Florêncio por sempre acreditarem em mim. Agradeço ao meu irmãozinho Heitor Henrique Florêncio Macedo que mesmo sendo criança sempre foi extremamente compreensivo quando eu dizia que a Gigi precisava estudar.

Gostaria de agradecer à Universidade Federal de Uberlândia, ao IARTE - Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia e ao Curso de Dança por terem me proporcionado momentos maravilhosos dentro e fora da sala de aula, me possibilitado estudar diariamente num ambiente extremamente acolhedor e me permitido encontros, relações, vínculos e experiências que eu levarei para o resto da minha vida. Agradeço a todos os professores que tive contato e que me auxiliaram durante a minha passagem pela Universidade, em especial a todos os meus professores do Curso de Dança, encerro essa fase da minha vida levando um pouquinho de cada um de vocês comigo, foi maravilhoso aprender com vocês dentro da Graduação e espero continuar aprendendo ao longo da minha trajetória profissional.

Agradeço a minha orientadora Prof. Vivian Barbosa e a minha co-orientadora Camila Soares por toda a troca, o cuidado e por terem aceitado a empreitada de orientar este trabalho durante a correria e a loucura dos períodos remotos.

Sou extremamente grata à Ana Flávia dos Reis Santos por ter sido minha fiel companheira, meu ombro-amigo e meu apoio durante todos esses anos dentro da Universidade, além de ter mergulhado no processo de criação de Do Branco à Carne de mãos dadas comigo. Você me inspirou, me ajudou a ser forte, nunca saiu do meu lado e sempre aceitou qualquer loucura desde que estivéssemos juntas. Eu te amo.

Agradeço a todas as minhas amigas que são inspirações tanto pessoais quanto acadêmicas e profissionais para mim, fico extremamente feliz por ter do meu lado tantas mulheres maravilhosas e que me ensinam diariamente.

Agradeço a todas as pessoas que estiveram do meu lado e contribuíram de alguma forma durante o processo de criação da performance. Em especial à Prof. Juliana Bom-Tempo, que foi orientadora do Estágio e aos meus amigos Jéssica Felipe, Lang Soares e Tayna Sol. Foi um prazer viver aquela loucura com vocês.

Sou grata à todas as pessoas, encontros e experiências que me fizeram chegar até aqui, e a todas as pessoas que estiveram comigo durante a escrita deste trabalho, que ouviram as minhas preocupações, que vibraram junto comigo e que me falaram palavras de conforto e incentivo quando eu precisei.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema central o estudo da performance artística “*Do Branco à Carne*” desenvolvida por mim e por Ana Flávia dos Reis Santos no Estágio Supervisionado de Ateliê do corpo/atuação I, II e III do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia, com orientação da professora Juliana Soares Bom-Tempo. Para dar suporte às análises, serão trazidas para o debate cinco situações de violência reais e que dialogam com os temas abordados na performance, aprofundando o debate sobre os múltiplos feminismos, a atuação dos ideais de beleza sobre os corpos femininos, e como essas questões e experiências engendraram os corpos e me equiparam para o fazer artístico.

Palavras-chave: performance. feminismos. Do Branco à Carne. violência. ideais de beleza.

ABSTRACT

This research brings as its main subject a study of the artistic performance “Do Branco à Carne” developed by me and by Ana Flávia dos Reis Santos in our Supervised Internship of Body/acting Workshop I, II and III of the Dance Course at the Federal University of Uberlândia, under the guidance of Professor Juliana Soares Bom-Tempo. To support the analyses, five real situations of violence, that dialogue with the themes addressed in the performance, will be brought to the debate, deepening the discussion of multiple feminisms and how these issues and experiences engendered the bodies and equipped it for the artistic work.

Keywords: performance. feminisms. Do Branco à Carne. violence. beauty ideals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Fernanda Magalhães.....	11
Figura 2 -	Letícia Parente.....	12
Figura 3 -	Jussara Belchior.....	13
Figura 4 -	Aline Luppi Grossi.....	13
Figura 5 -	Priscila Rezende.....	14
Figura 6 -	Criação em Dança e Novas Tecnologias.....	31
Figura 7 -	Criação em Dança e Novas Tecnologias.....	31
Figura 8 -	Do Branco à Carne.....	34
Figura 9 -	Do Branco à Carne.....	35
Figura 10-	Do Branco à Carne.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
VIOLÊNCIAS.....	16
Cena 1.....	16
Cena 2.....	17
Cena 3.....	18
Cena 4.....	23
Cena 5.....	24
PROCESSO E PERFORMANCE.....	27
Sobre o meu processo.....	27
Sobre o nosso processo.....	32
Sobre a obra.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu há muito tempo, há tanto tempo que eu nem sei de fato quando foi. Acho que desde quando eu comecei a me entender como mulher, ou quando comecei a me entender como feminista, ou quando comecei a sentir inseguranças em relação ao meu corpo (nem me lembro quando começou). Talvez tenha sido quando eu comecei a entender minha sexualidade, ou talvez quando eu comecei a dançar, ou quando eu ingressei na Universidade. Começo então a pensar que esse trabalho sou eu, ou eu sou esse trabalho.

Durante a minha graduação, lembro de ouvir os meus professores nos acalmando com a frase “O Trabalho de Conclusão de Curso não precisa ser o trabalho da sua vida”, na tentativa de liberar um pouco a pressão que nós alunos nos colocamos quando se trata da escolha do tema da Monografia. O tema de pesquisa não precisa ser o tema escolhido para ser pesquisado durante toda a nossa vida, mas diz respeito ao encerramento de uma das etapas de muitas que virão ao longo de nosso percurso. Contudo, acho que essa dica eu não segui muito bem, pois escolhi um tema de dimensão capaz de ser de fato a pesquisa da minha vida, justamente por entrecruzar diversas instâncias dela... essa pesquisa vem sendo construída desde o dia em que eu nasci.

As questões abordadas neste trabalho como feminismos, violência e a problematização dos ideais de beleza, não são inicialmente temas artísticos, mas a partir desses assuntos eu venho construindo cada vez mais o meu fazer dentro da arte e entendendo o meu lugar, a minha contribuição dentro da área. Esse encontro teve o seu início em 2018, quando eu entrei em um processo de criação de um ano e meio e que resultou no trabalho artístico *Do Branco à Carne*, criado e performado por mim e por Ana Flávia dos Reis Santos. O trabalho não foi elaborado a partir de muitos referenciais teóricos porque optamos por priorizar nossas vivências, personalidades, militâncias e amizade como materiais de trabalho para a cena. O trabalho era sobre nós (e, ao mesmo tempo, sobre tantas outras). Agora, trago essa performance para expandir a interlocução entre teoria e prática. A minha intenção aqui é provocar a reflexão sobre esses temas para que cada vez mais pessoas possam e consigam compreender as prisões sociais em que somos colocadas, e assim, consigamos pensar em formas de amenizar essas pressões que andam, cada vez mais, controlando nossas vidas. E principalmente, que a arte, a fruição e o fazer artístico possam ser auxiliares nesse processo. As perguntas que mobilizam esse trabalho e que direcionam a minha escrita são: como os modos pelos quais minha experiência como mulher e as referências da arte e da teoria feminista deram corpo à minha criação artística?

De que forma os movimentos feministas, as minhas vivências pessoais e os ideais de beleza direcionam a minha produção e criação dentro da arte?

O elemento central dessa pesquisa é a performance *Do Branco à Carne* e as discussões que ela levanta. Todas as análises presentes aqui nos levarão a compreender elementos que formaram a obra a partir das minhas experiências, ideias, interlocuções, encontros e espaços. Os elementos presentes na criação alteraram a minha forma de ser, estar e existir no mundo e direcionaram minha maneira de pensar e fazer arte.

O livro *O Mito da Beleza* de Naomi Wolf (2020) foi um livro extremamente importante para a minha escrita e foi um ponto de partida para a construção deste trabalho. As informações que o livro me possibilitou acessar, juntamente com as informações que já habitavam meu corpo e são advindas das minhas experiências, modificaram o corpo Giovanna e complexificaram o desenvolvimento dessa pesquisa. Eu já tinha interesse em lê-lo, porém esse livro se tornou tão importante na minha vida e na minha pesquisa numa fase nada premeditada. Foi quando por uma situação de violência vivida por mim em setembro de 2020 (cena 3), e que será descrita mais adiante no capítulo *Violências*, eu entendi que precisava doar a minha voz para esse debate.

O Mito da Beleza (WOLF, 2020), escrito em 1991, é um livro que explicita formas de dominação e controle das mulheres a partir dos ideais de beleza e juventude. A autora, Naomi Wolf, é uma jornalista e escritora norte-americana, branca e feminista, nascida em 1962 em São Francisco - Califórnia. É importante ressaltar quem é Naomi Wolf para a contextualização do livro, pois nele é feito um recorte. Naomi não aborda a realidade de todas as mulheres em sua obra, seu livro contempla majoritariamente a realidade de mulheres brancas, estadunidenses e de classe média/alta. Nele, a autora fala sobre a indústria da dieta, da pornografia, de como a indústria da beleza atua sobre as mulheres no trabalho, no lar, entre outros espaços. Naomi Wolf explica o interesse do capitalismo¹ em construir mulheres inseguras e insatisfeitas com a própria aparência, como tentativa de impedir a disseminação dos ideais feministas, travar a ascensão das mulheres e gerar lucro. É um livro que situa o leitor de forma extremamente competente e completa sobre os impactos dos ideais de beleza na vida das mulheres, desde a primeira onda do feminismo até os dias atuais. Wolf enfatiza: “Quanto mais fortes as mulheres se tornassem

¹ De acordo com o dicionário de português do *Google (OxfordLanguages)*, capitalismo trata-se de: 1. sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro; 2. sistema social em que o capital está em mãos de empresas privadas ou indivíduos que contratam mão de obra em troca de salário.

em termos políticos, maior seria o peso do ideal de beleza sobre seus ombros, principalmente para desviar sua energia e solapar seu desenvolvimento.” (WOLF, 2020, p.16).

Não é só Naomi Wolf que escancara para o leitor o interesse das grandes indústrias em impor os ideais de beleza sobre as mulheres com a intenção de controlar a sua ascensão dentro da sociedade. Através de Suzana Bordo (1997) comecei a refletir de que forma as mulheres progrediriam nos espaços que ocupavam se estivessem tão ocupadas em seguir e alcançar um padrão estético. A autora explica que é através de um ideal de feminilidade que sempre se altera ao longo do tempo (justamente para ser um padrão inatingível) que as mulheres buscam constantemente seguir os ideais de beleza. Desse modo, os corpos femininos transformam-se no que o filósofo Michel Foucault denomina como “corpos dóceis”. Se as mulheres estiverem tão focadas, concentradas e dispostas a se transformarem e se “aperfeiçoarem” esteticamente, torna-se cada vez mais possível e viável serem controladas.

Através da busca de um ideal de feminidade² evanescente, homogeneizante, sempre em mutação — uma busca sem fim e sem descanso, que exige das mulheres que sigam constantemente mudanças insignificantes e muitas vezes extravagantes da moda — os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de "corpos dóceis": aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao "aperfeiçoamento". (BORDO, 1997, p.20)

Acredito ser importante não apenas para mim, mas possivelmente para minhas leitoras e leitores, entenderem de fato a responsabilidade da indústria da beleza sobre a distorção da nossa noção de amor próprio e autoestima. A indústria da beleza cresce e age sobre os nossos corpos para executar uma estratégia de manipulação e impedir principalmente a nossa liberdade. Wolf (2020) elucida que uma ideologia que nos fizesse sentir menos valorizadas, se tornou urgente para contrapor o feminismo que fazia cada vez mais com que nós nos valorizássemos.

O livro foi um ponto de partida para a complexificação das minhas ideias e a partir dele tive o entendimento de que era necessário o estudo de outros materiais teóricos que abrangessem uma realidade diferente da existente no livro, principalmente por identificar a necessidade de pensar também as vivências da minha parceira artística, que é uma mulher negra.

Já faz um tempo que eu entendi que mulheres brancas e mulheres negras, mesmo dentro do mesmo movimento (feminista), não tem a mesma voz e a mesma realidade. Claro que por sermos mulheres, isso aproxima as nossas causas e vivências, porém a raça, a classe, a orientação sexual, entre outros fatores, também devem ser considerados. Djamila Ribeiro

² De acordo com o dicionário de português do *Google (OxfordLanguages)*, feminidade é: traço feminino; conjunto de caracteres próprios da mulher; feminilidade.

(2019) em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, foca nas questões raciais que nos diferem dentro da sociedade, e enfatiza que mulheres sofrem discriminação por serem mulheres, mas ainda são protegidas devido a sua branquitude. Essa predominância de mulheres brancas em relação à mulheres negras está de maneira muito explícita inserida em *Do Branco à Carne*, e como o intuito neste trabalho é dialogar com os temas disparadores da performance que constituem o meu corpo e o corpo de Ana Flávia dos Reis Santos, não faria sentido expor só a minha realidade enquanto mulher, que é carregada pela minha branquitude.

O meu interesse em estudar os feminismos a partir do meu fazer artístico foi despertado durante a criação da performance *Do Branco à Carne*, e os assuntos que surgiram nas etapas preliminares do meu Trabalho de Conclusão de Curso como feminismos, violência e os ideais de beleza, demandavam um maior aprofundamento. Nesse sentido, busquei esse aprofundamento por meio do Curso “Arte e Feminismos”, ofertado pela Graduação em Artes Visuais e ministrado pela professora Clarissa Borges no primeiro semestre de 2020, de forma remota. A minha expectativa era que estudássemos o feminismo dentro da arte contemporânea de um modo geral, porém, como já era de se esperar, a disciplina era voltada mais exclusivamente às Artes Visuais. De toda forma, consegui estudar elementos importantíssimos para a minha pesquisa e para meu crescimento artístico, tanto relacionados ao contato com essa outra área das artes, quanto sobre o feminismo e a arte feminista.

Essa disciplina me trouxe referências das Artes Visuais para contribuir nesse debate em relação à problemática da indústria da beleza dentro da Arte. Essas referências, além de outras referências da performance e da dança me auxiliaram não só nos meus estudos pessoais dentro e fora da disciplina, como também foram selecionadas para atuarem aqui como um pequeno panorama de artistas brasileiras que tratam de questões próximas as questões levantadas por *Do Branco à carne* e que pretendo desenvolver nos próximos capítulos.

Uma das artistas conhecidas por mim através do contato com as Artes Visuais e que possuem criações artísticas impulsionadas pelas questões que também me impulsionaram para a escrita desse trabalho é a artista Fernanda Magalhães (Figura 1). Fernanda é uma mulher nascida em 1962, fotógrafa, performer e professora e possui um trabalho extremamente pertinente direcionado aos corpos das mulheres gordas. A artista provoca questões relacionadas aos espaços de ocupação de corpos marginalizados e invisíveis perante a sociedade.

Figura 1 - Fernanda Magalhães



Fonte: REDECHOQUE. Fernanda Magalhães - Grassa Crua, 2019. Fotografia Performance realizada no Espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza, no M.A.R – Mulheres Artista Resiste como parte da 14ª Bienal Internacional de Curitiba Dimensões Variáveis Registro Fotográfico de Tainá Bernard.

A segunda referência artística que me foi apresentada na disciplina Arte e Feminismos é a artista visual Letícia Parente (Figura 2). Letícia (1930-1991) era videoartista, gravadora, professora e pesquisadora. Duas especialidades eram importantíssimas nas suas obras: o corpo e a casa.

Figura 2 - Letícia Parente



Fonte: Atelier. Letícia Parente na série “*Mulheres*” (1975), usa fotografias de modelos famosas e distorce a imagem, nos remetendo ao efeito e à agressão da cirurgia plástica e dos procedimentos estéticos no rosto das mulheres.

Mais uma artista que tensiona as questões de imagem e estética dentro das suas produções é a bailarina Jussara Belchior (Figura 3). A história dela com a dança teve início através do ballet clássico, mas foi a partir do seu contato com a dança contemporânea que encontrou um lugar para o seu corpo gordo sem a busca pelos ideais de beleza como pré-requisitos para o movimento. É bailarina, diretora, interlocutora e tem o trabalho intencionado em questionar a visibilidade dos corpos gordos. Em 2020, pude participar de uma Oficina ministrada por Jussara Belchior juntamente com Gabriel Machado chamada “Emaranhadas: materialidades e meios” inserida na programação da Paralela 2020 - edição remota.

Figura 3 - Jussara Belchior



Fonte: CONECTEDANCE. *Peso Bruto* - Jussara Belchior (2017). Itaú Cultural - São Paulo.

A próxima artista que considero importantíssima como panorama das questões tensionadas neste trabalho é a performer Aline Luppi Grossi (Figura 4). De acordo com a sua Biografia no *Instagram*: “Performer gorda que ganha a vida mostrando a bunda e a banha!” Transita por algumas áreas das artes como performance, fotografia e instalações. A sua pesquisa gira em torno de pensar as corporeidades gordas e as suas relações no âmbito social.

Figura 4 - Aline Luppi Grossi



Fonte: Portfólio Aline Luppi Grossi - *O que você anda engolindo?!* (2018). Instalação Performativa.

A última apresentação extremamente importante para este trabalho é a artista Priscila Rezende. Na Biografia presente em seu site contém um breve resumo dos interesses de criação da artista: “Raça, identidade, inserção e presença do indivíduo negro e das mulheres na sociedade contemporânea são os principais norteadores e questionamentos levantados no trabalho de Priscila Rezende”. A performer possui um trabalho chamado Bombril (2010) em que utiliza o seu cabelo como instrumento para esfregar materiais de uso doméstico, substituindo a palha de aço. O intuito da artista é problematizar as ofensas que pessoas negras ouvem em relação aos seus cabelos, muitas vezes sendo comparados com bombril.

Figura 5 – Priscila Rezende



Fonte: Priscila Rezende Art. – Bombril (2010).

Conhecer o trabalho dessas artistas e perceber que existem aproximações de criação foi de extrema importância para essa pesquisa, pois senti mais segurança ainda sobre a relevância deste trabalho para a arte, principalmente por ter conhecido o trabalho de artistas tão inspiradoras, tensionando elementos em comum. Observo que há um campo comum entre as criações citadas, de forma que a performance criada por mim e por Ana Flávia está não apenas situada neste campo, como estabelece diálogos com e a partir dele. Assim, no capítulo Violências serão detalhadas cinco situações de violências vividas por mim e por Ana Flávia dos Reis Santos, nomeadas como cenas. Ana Flávia está neste trabalho como minha amiga, minha parceira de vida, performer e criadora de Do Branco à Carne junto a mim. Identifiquei ser de extrema importância para o enriquecimento dos debates aqui desenvolvidos, em diálogo com a

nossa performance, trazer a voz e a vida de Ana Flávia. Isso porque identifico que a vida de Ana Flávia é a minha vida também, e a minha vida também é a dela. Sem o nosso encontro, o corpo Giovanna que escreveu este trabalho não existiria. Isso não significa que eu não estaria aqui, mas eu com certeza não seria a mulher que sou hoje. O intuito é relatar o quanto essas cinco violências (in)formaram os nossos corpos e ajudaram a dar forma à nossa performance. No capítulo Processo e Performance pretendo analisar/investigar de que forma esses elementos supracitados influenciaram e informaram o processo de criação da performance Do Branco à Carne. Espera-se que, com essa análise, possamos perceber o fluxo dos rastros da experiência pessoal dos nossos corpos na criação artística e vice-versa.

VIOLÊNCIAS

Este capítulo é composto por cinco cenas. A priori não são cenas artísticas, mas situações que moldaram profundamente o nosso ser e fazer artístico. Cada uma delas possui as suas particularidades, são diferentes, me atravessaram de diversas maneiras e tiveram relação com ideais de magreza e beleza, sexualidade e raça.

Cena 1

Em meados de 2015, em meus dezessete anos, estava numa aula de jazz e fomos fazer um exercício na diagonal³. O exercício consistia na sequência de movimentos “*chassé, passo, grand jeté*” até chegarmos do outro lado da sala. Na minha vez de iniciar a sequência, no primeiro *chassé* que realizei, torci o meu pé e caí. A proprietária e diretora da escola (que também era minha professora, mas naquele ano não estava ministrando aulas de jazz para a minha turma), me levou para o camarim, sentou ao meu lado, olhou nos meus olhos e disse que eu havia machucado porque o meu pé não estava aguentando o meu peso. Lembro que nesse dia precisei tomar um ansiolítico para conseguir dormir. Depois disso procurei acompanhamento com uma nutricionista e comecei a fazer aulas de *muay thai* e *crossfit*, a fim de emagrecer.

A fala desta professora foi grave, irresponsável e mentirosa independentemente de como estava meu corpo. É interessante observar o quanto comentários e falas irresponsáveis têm o poder de manipular a imagem que temos de nós. Eu pesava 69kg, não tinha sobrepeso e a imagem que eu tinha do meu corpo foi completamente contaminada por essa situação. Segundo Wolf, “A obsessão por exercícios e dismorfia de imagem - condição em que a pessoa não vê o próprio corpo como ele de fato se apresenta - estão, no mínimo, mais disseminadas e frequentes” (2020, p.11).

Emagreci 5kg, e no festival de final de ano recebi vários elogios sobre como eu estava linda/magra. Senti que tinha finalmente dado orgulho à minha professora. Qual o nível de profissionalismo e de conhecimento que essa professora possuía a ponto de reduzir a minha

³ Exercícios na diagonal são muito comuns em aulas de dança. Para explorarmos a nossa relação com o espaço e com a centralidade da sala, a prática acontece de uma ponta a outra do ambiente, por exemplo: da extremidade inferior esquerda, até a extremidade superior direita, o dançarino atravessa a sala geralmente fazendo um mesmo exercício, uma sequência, uma improvisação, etc.

capacidade ao meu peso e ainda se apropriar de um argumento desleal à realidade da anatomia humana?

Que dança é essa que só faz as alunas sentirem que são boas e capazes se estiverem “abaixo do peso”? “[...] “Será que vão me levar a sério no trabalho se eu parecer ‘feminina demais’?”, “Será que vão me dar ouvidos se eu parecer ‘feia demais’?”, “Não ‘sirvo’ se ganhar peso?” ‘Sirvo’ só se eu perder cada grama a mais?”.” (WOLF, 2020, p.24).

Cena 2

Dia 24 de abril de 2019, estava saindo da Universidade Federal de Uberlândia pela portaria principal da Avenida Segismundo Pereira com, na época, minha namorada. Era por volta do meio-dia e estávamos indo para a minha casa comemorar o aniversário dela, que era naquele dia. Paramos no meio do caminho, já fora da Universidade e nos abraçamos. Naquele momento, um homem branco, grisalho, de 53 anos, que passava por nós em direção à Universidade, parou em nossa frente e disse as seguintes palavras: “Sai da frente, tem gente querendo passar! A calçada é para pedestre, bando de sapatão do caralho!”.

Depois dessa fala, ele seguiu em frente rumo à entrada da Universidade e eu reagi. Não lembro com tanta nitidez quais foram as palavras utilizadas por mim, mas disse para ele me respeitar, e o chamei de louco. Ele, que já estava um pouco distante de nós, voltou, apontou o dedo em direção ao meu rosto e reafirmou que a calçada era para pedestres passarem e continuou: “Quer chupar buceta? Vai para um motel, bando de sapatão do caralho!”. Nesse momento, pessoas intervieram, ele finalmente entrou na Universidade e nós, muito assustadas, começamos a chorar. Depois de alguns minutos sinalizamos que estava tudo bem para as pessoas que presenciaram e prestaram apoio, pegamos o contato de todas caso fosse preciso posteriormente e fomos em direção ao bloco 3M, em busca de algum rosto amigo.

Depois de contarmos para algumas pessoas o que tinha acontecido, foi-nos aconselhado que recorrêssemos a um boletim de ocorrência feito na DIVIG (Divisão de Vigilância e Segurança Patrimonial). Algumas pessoas me acompanharam, e outras foram juntamente com a outra vítima atrás do agressor pela Universidade. Fui encaminhada para a sala de monitoramento da Universidade para identificar e localizar o sujeito através das câmeras de segurança.

Após certificarmos que ele realmente estava dentro do campus, chamamos a polícia. Chegaram duas viaturas, os policiais o abordaram e marcamos uma audiência para definir se íamos adiante com a denúncia (qualificada como injúria) ou não. A audiência estava marcada

para o dia 13/05 (19 dias após o ocorrido). Nesse espaço de tempo, começamos a sentir que estávamos sendo perseguidas. Começamos a vê-lo com muita frequência, inclusive perto dos blocos que tínhamos aula, à noite, com o carro estacionado. Devido ao nosso medo por estarmos todos os dias no mesmo ambiente que esse sujeito, no dia da audiência optamos por não levar adiante a ponto de se tornar um processo oficial, podendo até resultar na exoneração do cargo dele dentro da UFU.

A Universidade foi o primeiro (e talvez único) espaço que me proporcionou chegar o mais próximo possível da ilusória sensação de liberdade. Explorei o meu fazer artístico, a minha sexualidade, as minhas relações, as minhas vontades e a minha personalidade. A Universidade se torna esse ambiente convidativo para explorações justamente pela multiplicidade de seres que ocupam esse ambiente... você se sente à vontade para se explorar porque todos ali estão se explorando também. A cena 2 influenciou diretamente e interrompeu, de certa forma, a minha exploração. Adquiri o medo de andar sozinha pela Universidade, e sempre quando esse medo amenizava, eu encontrava o sujeito novamente pelo campus. O meu direito de ser quem eu sou foi interrompido, e o meu uso do espaço da Universidade também. Mas, eu não deveria ter o direito de caminhar livremente pelos espaços públicos sem o medo e o receio de ser atacada?

Cena 3

No dia 21 de setembro de 2020, uma digital influencer da minha cidade (Araguari - MG) que eu até então acompanhava nas redes sociais, comentou através da sua conta no *Instagram* sobre as cirurgias plásticas e os procedimentos estéticos que havia feito. Em um determinado momento, a influenciadora incentivou as suas seguidoras a corrigirem, através desses artefatos, qualquer incômodo e insatisfação estética que elas viessem a ter, e mais, relatou que esse feito tratava-se de um investimento pessoal e que “corrigir” inseguranças estéticas através de procedimentos e cirurgias, era um ato de amor próprio e autoestima. Eu, incomodada com a fala dela, fiz um desabafo no *Twitter*: “uma blogueira de Araguari está falando que fazer procedimentos estéticos é autoestima e amor próprio, a vontade de dar um chacoalhão pra ver se fica esperta é forte”. (SILVESTRE, 2020)

Uma pessoa não identificada, viu a minha postagem, reconheceu que eu havia criticado a fala dessa influenciadora em específico e encaminhou para a mesma. Eu, sem ter conhecimento de nada, um dia depois (dia 22 de setembro de 2020), abri minha conta no *Instagram* e me deparei com postagens dessa influenciadora, mencionando um posicionamento de uma pessoa no *Twitter* que havia criticado uma fala dela. No decorrer dos vídeos ela disse

que eu só havia me posicionado no *Twitter* porque sabia que ela não possuía essa rede social, disse que sentia dó de mim pois eu sentia uma admiração incubada por ela ou sentia inveja e não estava sabendo lidar, disse que devia ser muito ruim odiá-la e não poder chamá-la de feia, entre outras coisas. Entrei em contato com ela através do *direct*⁴ no *Instagram*, expliquei o meu ponto de vista e o motivo de eu achar tão problemática a declaração dela:

Nome não identificado, eu não te odeio! Já conversamos várias vezes, imaginei que você sabia... te acho linda, esses dias estava até comentando com a minha mãe o quanto você cresceu profissionalmente. O meu *tweet* foi apenas porque amor próprio e autoestima não são sobre a realização de procedimentos estéticos... As mulheres sofrem uma pressão estética gigantesca, somos ensinadas a nunca estarmos felizes com os nossos corpos, então, dizermos que amor próprio e autoestima é “realizar procedimentos estéticos”, é extremamente grave. Mas enfim, não vou me prolongar porque até de “recalcada” você me chamou sem nem vir tirar satisfação comigo kkkkk se você quiser conversar mais sobre esses assuntos, estou à disposição!

Em contrapartida não fui recebida tão bem:

Giovanna, saber que foi você que falou isso de mim no *Twitter* não me surpreende. Eu não tenho *Twitter* e nem pretendo ter. Eu sou uma figura pública e qualquer problema que você tiver comigo ou com meu conteúdo, você pode falar comigo. Sou totalmente aberta para ouvir a opinião dos meus seguidores. Você diz: “As mulheres sofrem uma pressão estética gigantesca, somos ensinadas a nunca estarmos felizes com os nossos corpos...” Isso é o que VOCÊ acha, não me inclua, não generalize. Eu não faço parte dessas mulheres e desse “nós” que você está se referindo. Eu sempre amei como sou, tanto por dentro, quanto por fora. Sempre fui segura e autoconfiante. Sempre soube que sou bonita, inclusive antes de qualquer pessoa me falar, eu sempre soube disso. Eu fiz cirurgia plástica para me sentir muito mais bonita. Eu fiz procedimentos no rosto porque eu quis, para ver se eu ia gostar. E adivinha? Eu amei! Muito mais do que eu já me amava. Legal, né? Se você não concorda, ok. Mas então não me inclua na sua opinião de quem “sofre pressão estética e cresceu se odiando”. Eu estou amando tudo que estou fazendo e vou repassar para as pessoas que tem vontade e às vezes não tem coragem. A minha experiência foi ótima. Está sendo. Melhorou muito mais a minha autoestima sim. Investir em mim mesma para mim é amor próprio sim. Seja com viagens, cursos, estudos ou procedimentos estéticos. Então antes de você me expor de forma errônea através de uma página que nem mostra claramente que é você, me pergunte.

Eu em contrapartida, respondi:

Nome não identificado, eu não estou te incluindo em nada... estou te contando que este problema existe, você estando incluída ou não. Que bom que você se ama, eu fico muito feliz. Porém existem MILHARES de mulheres (isso é um fato, você o conhecendo ou não) que se entregam de corpo e alma em procedimentos estéticos, achando que isso trará amor próprio e autoestima, e não acontece dessa forma. Você enquanto influenciadora deveria ter responsabilidade antes de indicar às suas seguidoras a realização de procedimentos estéticos com essa justificativa. Amor próprio e autoestima é muito mais sobre você conseguir se amar e se aceitar sem buscar alcançar o corpo, o nariz, o olho, o cabelo perfeito, até porque o corpo perfeito

⁴ Uma troca de mensagens privada, que não fica disponível para o público.

não existe. Mas enfim, se você quiser assistir algo sobre isso, te recomendo o programa da Fátima Bernardes de quinta feira passada (dia 17/09/2020). O assunto do programa foi justamente sobre procedimentos estéticos e a pressão da sociedade em cima do corpo feminino. Deve ter disponível na internet. Reforço mais uma vez que não é porque eu discordo de você e achei a sua fala irresponsável que eu sou recalçada, te odeio, tenho inveja de você ou do seu corpo. Às vezes as pessoas só discordam mesmo e está tudo bem! E pode ter certeza que mesmo se eu te odiasse por sabe-se lá qual motivo (não tenho absolutamente nenhum), eu nunca discordaria de você gratuitamente. Se eu discordei de você e tweetei aquilo, foi porque eu realmente não concordo, e mais, achei grave a sua fala. Eu te acompanho porque te acho muito talentosa, gosto de ver principalmente as sobrancelhas que você faz, e sinto carinho por você, já conversamos algumas vezes e eu te acho bem legal... isso não significa que vamos concordar em tudo. enfim, bom dia pra vc!

Não obtive resposta, portanto, não conseguimos resolver o nosso problema. Diante disso, eu me senti no direito de me posicionar publicamente na minha conta do *Instagram*:

Boa tarde, gente! Tudo bem? Geralmente eu só venho no meu *Instagram* falar borracha, né, acho que todo mundo aqui já sabe, mas hoje eu vim falar uma coisa muito séria e inclusive muito desagradável que aconteceu ontem.

Ontem, uma influenciadora daqui de Araguari, postou um print no *Instagram* dela de uma pessoa no *Twitter* criticando uma fala que ela teve no dia anterior

Junto disso, essa influenciadora chamou essa pessoa que criticou a fala dela de recalçada, disse que a pessoa tem inveja dela, tem uma admiração incubada, que deve ser muito ruim odiá-la e não poder chamá-la de feia...

E por que eu tô contando isso? Essa influenciadora postou o tweet no *Instagram* dela, né, nos stories, juntamente com todos esses... adjetivos, mas ela não postou quem era a pessoa.

Porém, como eu sou uma pessoa que costumo bancar as coisas que eu falo e as coisas que eu faço, e essa deu uma repercussão gigantesca, eu estou aqui, no meu *Instagram* para dizer que fui eu que critiquei essa influenciadora.

Enfim, o que ela disse que eu achei tão problemático foi que “investir em procedimentos estéticos é um ato de amor próprio e de autoestima”

E eu vou explicar porque eu achei tão problemático... Primeiro eu queria dizer que eu não estou aqui enquanto uma pesquisadora da área, o que eu vou falar é enquanto mulher. Mas eu tenho amigas que pesquisam e tem muito mais fundamentação teórica e com muito mais propriedade do que eu.

Eu estou aqui falando porque eu que causei o fogo no parquinho, eu que sou a causadora da treta, enfim, sou a segunda envolvida (a primeira envolvida?), sei lá.

Antes de tudo a fala dela foi uma inverdade, você entrar para uma sala de cirurgia e arriscar a sua vida, não é um ato de amor próprio e autoestima... a gente já começa por aí.

Eu não estou dizendo que mulheres que se submetem a uma cirurgia plástica ou a procedimentos estéticos sejam eles quais forem não se amam, não é isso. Até porque eu acho que amor próprio não tem só a ver com o físico, com o nosso corpo.

Mas é muito complicado quando você associa cirurgias plásticas e procedimentos estéticos à autoestima e amor próprio. Primeiro porque a taxa de mortalidade em cirurgias plásticas é de 19 em 100 mil.

Segundo que o Brasil é o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo, isso já é muito grave. E terceiro, em 10 anos as cirurgias plásticas em adolescentes cresceram 141%.

Isso não aconteceu do nada, por acaso. A indústria da beleza lucra a partir das nossas insatisfações com os nossos corpos. A ideia é construir mulheres inseguras, que não se amam.

Amor próprio não tem a ver com você ser insatisfeita com alguma parte do seu corpo e ir para uma sala de cirurgia corrigir isso. Acho que amor próprio tem muito mais a ver com você se aceitar, reconhecer suas qualidades, reconhecer que você é linda, que o seu corpo é lindo, que você tem milhões de qualidades e que mesmo você não seguindo um padrão estético estabelecido pela sociedade, você consegue aceitar quem você é.

Só pra finalizar, eu não tenho recalque ou inveja de ninguém porque a pessoa tem um corpo padrão e eu não... eu sou muito mais do que isso, muito mais.

Eu tenho inúmeras qualidades e eu tenho muito orgulho de cada uma delas, elas constituem o meu amor próprio e a minha autoestima, reconhecê-las faz parte disso. E uma qualidade que foi muito importante, foi o meu respeito pelas pessoas, a minha educação.

Influenciadora, eu nunca falaria de você da forma que você falou de mim nos seus *stories*. Foi feio, foi desrespeitoso... E não só dessa pessoa em específico, eu nunca falaria as coisas que ela disse de mim, de ninguém. Porque isso é completamente chulo, completamente vazio e ignorante.

Mas o meu recado é esse, a minha dica (eu vou deixar uma dica, hoje eu sou blogueira), é que vocês não baseiem o amor próprio e a autoestima de vocês em procedimentos estéticos e cirurgias plásticas.

E eu também não estou dizendo pra você não fazer cirurgias plásticas, quem sou eu pra dizer isso, mas... é isso que vai fazer você se amar?

Se você tem uma boa autoestima, se você tem amor próprio, se você é satisfeita com o seu corpo da forma que ele é, se você... enfim, levante outras mulheres, levante da forma certa

É isso gente, muito obrigada por quem assistiu até o fim, porque eu gravei um pouco demais né? Eu converso muito, desculpa... ainda mais pra militar, nossa, sou ótima! Enfim, um beijo, muito obrigada. Quem quiser trocar ideia fala comigo. (SILVESTRE, 2020).

Recebi um *feedback* muito positivo de inúmeras mulheres da minha cidade e ganhei muita visibilidade neste momento. Depois disso, atingi o impulso que faltava para que eu de fato me aprofundasse mais sobre o tema e entendesse cada vez mais o mecanismo das configurações opressoras sob os nossos corpos. Foi assim que cheguei aqui, hoje, neste debate.

É urgentemente necessário que nós, mulheres, reconheçamos que a insatisfação que sentimos em relação a nossa aparência não surgiu por acaso. Precisamos entender que trata-se de uma manipulação geral que tem como finalidade o lucro e o controle da nossa ascensão dentro da sociedade.

E a alucinação inconsciente adquire influência e abrangência cada vez maiores por conta do que hoje se tornou uma manipulação consciente do mercado: indústrias poderosas - a das dietas, que gera US\$ 33 bilhões por ano; a dos cosméticos, US\$ 20 bilhões; a da cirurgia plástica estética, US\$ 300 milhões; e a da pornografia, com seus US\$ 7 bilhões - cresceram a partir do capital composto por ansiedades inconscientes e conseguem por sua vez, através de sua influência sobre a cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral econômica ascendente. (WOLF, 2020, p.35)

A indústria da beleza é extremamente eficaz. Além de controlar nossas vidas e os nossos corpos, uma rivalidade entre nós é fortemente alimentada. Por estarmos tão insatisfeitas com a nossa aparência, nos comparamos com outras mulheres o tempo todo, estabelecendo uma disputa entre nós. A indústria da beleza abala a nossa autoestima e o nosso amor próprio, nos afasta umas das outras e faz com que nos tornemos rivais. “[...] A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade são “belas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência” (WOLF, 2020, p.31).

A Cena 3 não só escancara a rivalidade entre as mulheres regida e alimentada pela indústria da beleza, como incita uma problemática que tem sido muito recorrente e grandiosa em virtude do crescimento das redes sociais: a violência digital. A partir do momento que essa influenciadora se deu conta de que eu havia discordado de sua fala, a mesma já se posicionou publicamente me atacando.

A *cultura do cancelamento* atualmente é um tema extremamente discutido e abordado no meio digital. Trata-se de denunciar alguma fala ou atitude de pessoas, empresas ou qualquer entidade na internet. Porém, nos últimos tempos, com o aumento do consumo das redes sociais, o cancelamento passou a ser confundido com linchamento virtual. Essa ação de denunciar e apontar o erro do outro foi confundida com uma repressão em massa um tanto quanto violenta. Os usuários se vestem com uma postura demasiadamente agressiva e criticam, atacam e ofendem a pessoa cancelada. De certa forma, houve uma tentativa de cancelamento contra mim, porém, o que observei foi uma espécie de subversão desse cancelamento.

Depois de sofrer essa exposição por parte dessa pessoa, e depois de me pronunciar, recebi um apoio gigantesco, e ela, por sua vez, foi fortemente criticada tanto pela gravidade da sua fala envolvendo a realização de procedimentos estéticos e cirurgias plásticas, quanto por ter me ofendido publicamente na sua conta do *Instagram*. Eu consegui subverter a situação a partir da exposição dos meus princípios e crenças, e isso me tornou mais vista, me deu voz e me gerou um alcance inimaginável. Encontrei um espaço entre a vigilância violenta das redes sociais e a abrangência total para colocar minhas questões e defender os meus ideais.

Cena 4

Ana Flávia e eu estávamos no Center Shopping em Uberlândia no ano de 2018 (não me lembro muito bem a data pois fazíamos muito esse programa). Ana Flávia precisava ir ao banco, ela entrou e eu fiquei na porta esperando-a. Um homem branco, por volta de uns 60-65 anos que já estava no banco antes de chegarmos, ficou visivelmente incomodado com a presença de Ana Flávia e não tirou os olhos dela nem por um segundo até irmos embora. Eu logo percebi, fiquei extremamente incomodada e pensei inúmeras vezes em entrar no banco e me posicionar de alguma forma, mas não o fiz. A única coisa que consegui fazer foi encará-lo e deixar nítido no meu rosto o meu incômodo pela forma que ele olhava para a minha amiga. Ele percebeu. Ana Flávia saiu do banco, eu comentei o que havia presenciado e ela me disse que não havia notado. Fiquei muito tempo pensando na recorrência disso, a ponto de passar despercebido por ela. Eu nunca tinha presenciado um desconforto tão notável assim de alguém pelo corpo de outra pessoa. Por um lado fiquei feliz por ela não ter percebido e conseqüentemente não ter sido atravessada por esse momento a ponto de ter o seu dia estragado, mas por outro, como esse tipo de situação é tão recorrente a ponto de passar despercebido pela vítima? Ou a ponto da vítima perceber, mas lidar de forma natural justamente por já estar acostumada? Provavelmente se Ana Flávia tivesse percebido, teria lidado melhor do que eu, por ser algo tão presente no seu dia-a-dia. Inclusive, acredito que Ana Flávia nem se lembra desse momento, já eu, nunca mais esqueci.

Baseada no artigo “Mais branca que eu?: uma análise interseccional da branquitude nos feminismos”, de Geórgia Grube Marcinik e Amanda Rocha Mattos (2021), acredito que já é evidente dentro do movimento feminista a pluraridade das formas de ser mulher, ou seja, mesmo possuindo o mesmo gênero a realidade das mulheres dentro da sociedade não é a mesma. Isso porque outros fatores também condicionam a experiência e a inserção de cada mulher dentro da sociedade além do gênero, como: raça, classe, orientação sexual, etc. Pessoas brancas não foram vítimas da escravidão, não são vítimas do racismo estrutural e de tantas outras formas de violências recorrentes contra corpos negros, pelo o contrário, a condição que a nossa branquitude nos proporciona é uma imensidão de privilégios e oportunidades.

Branquitude é um termo usado para categorizar a racialização de pessoas brancas. É comum sempre pensarmos na racialização de pessoas negras, e isso acaba colocando novamente pessoas brancas em posição de normatividade, pois nunca foi uma questão pensar a raça dessas pessoas. Então, a branquitude é usada para além de categorizar a raça de pessoas brancas, mas também para discutir a posição de privilégio que nos foi dada justamente e unicamente por

nossa raça. De acordo com Kilomba (2019), a partir do momento em que mulheres brancas reconhecem a sua branquitude, saímos da fantasia e nos deslocamos para a realidade. Isso porque, só através do reconhecimento de nossa branquitude, é que entendemos o privilégio que a nossa raça nos proporciona perante mulheres negras. Djamilia Ribeiro (2019) também expõe a importância do reconhecimento de nossa própria branquitude, pois é através da nossa autopercepção que situamos os nossos privilégios e nos responsabilizamos no combate a injustiças contra grupos sociais vulneráveis.

Cena 5

Após trazer uma violência racial vivenciada por Ana Flávia porém descrita por mim, através da minha perspectiva enquanto testemunha do ocorrido e da minha leitura e do meu entendimento externo enquanto pessoa branca. Diante disso, senti necessidade de trazer uma cena que fosse vivida e contada por Ana Flávia, que não houvesse interferências externas, mas que fosse contada diretamente por ela, a vítima:

Aos 09 anos de idade eu estava no 5º ano - quarta série do ensino fundamental. Eu lembro que já estava na idade dos meninos começarem a falar de qual menina gostavam. Por ser preta em uma escola majoritariamente branca, eu raramente fazia amigos e, os poucos que eu tinha, me agarrava a eles com medo de perdê-los. Eu tinha uma amiga, hoje em dia eu nem me lembro o seu nome mais, mas na época ela era tudo o que eu tinha na escola. Ela era branca e até um pouco popular, eu era muito amiga dela e sentia não receber essa amizade de volta, mas eu não me importava. Naquele ano eu comecei a gostar de um menino da minha sala que se chamava Bruno, também branco, e contei para a minha amiga, para quem eu contava tudo. No fim dos bimestres, a nossa professora Faustina, que morava perto da minha casa, sempre fazia uma festinha para enturmar os colegas. E foi aí então que em uma dessas festinhas, minha amiga contou para ele. Eu estava no sofá e ele na porta com todos os nossos outros colegas. Ele veio até mim, com todo mundo atrás dele para ouvir o que ele ia me dizer, que foi: “Você está doida de falar que gosta de mim? Eu nunca beijaria uma menina igual a você, feia, preta e gorda”. Continuei sentada no sofá como se não tivesse ouvido nada, liguei para a minha mãe ir me buscar e chorei a noite inteira. Desde aquele dia aos nove anos de idade eu me fechei completamente, e só fui beijar alguém quando cheguei na Universidade, dez anos depois.⁵

Eu sou a protagonista das 3 primeiras cenas, elas aconteceram comigo, com o corpo Giovanna. Na cena 4 o meu papel foi enquanto testemunha, e a cena 5, eu sequer presenciei. Porém, todas, sendo contra o meu corpo ou contra o corpo de Ana Flávia, me alimentaram enquanto mulher, artista e feminista. Isso porque a partir do meu vínculo com essa mulher, eu pude ver e sentir, de uma forma extremamente próxima, as violências sofridas por ela. Ou seja,

⁵ Relato feito por Ana Flávia dos Reis Santos, cedido à mim no dia 13 de setembro de 2021 através da sua escrita.

como mulher branca, eu nunca vou sentir e sofrer da mesma forma as violências que corpos pretos sofrem diariamente e constantemente. Porém, a minha aliança com Ana Flávia permitiu com que eu presenciasse e ouvisse da forma mais próxima possível o que a minha branquitude e a minha rede de privilégios me protegem de sentir. Djamila reforça:

Fala-se muito em empatia, em colocar-se no lugar do outro, mas empatia é uma construção intelectual, ética e política. Ao amar alguém de um grupo minorizado, deve-se entender a condição do outro, para que se possa, de fato, assumir ações para o combate de opressões das quais a pessoa amada é vítima. É uma postura ética: questionar as próprias ações em vez de utilizar a pessoa amada como escudo. A escuta, portanto, é fundamental. (RIBEIRO, 2019, p. 90; 91).

Desde o começo da minha adolescência fui adquirindo a consciência acerca da realidade de pessoas pretas, concomitantemente fui entendendo o meu lugar no mundo enquanto mulher branca. Lembro inclusive de uma situação, no terceiro ano do Ensino Médio na minha escola elitizada, em que surgiu o assunto cotas raciais em sala de aula. Me recordo que eu e mais cerca de duas pessoas já tínhamos o entendimento e o reconhecimento da importância das cotas para a inserção de pessoas negras na Universidade. Ou seja, eu já venho desconstruindo o racismo estrutural nas minhas falas, ideias e comportamentos há algum tempo. Porém, foi a partir da minha amizade com a Ana Flávia que eu realmente me senti mais próxima e venho dando a mão não só para ela, mas para o movimento negro de modo geral. Por isso, mesmo que as violências 4 e 5 não tenham sido contra a minha existência, elas movimentam e modificam o corpo Giovanna.

Você pode estar se perguntando porque eu selecionei justamente essas cenas para estarem aqui pois, eu como mulher, gorda, bissexual, artista e com tantas outras bandeiras que são levantadas a partir da minha existência, teria inúmeras outras violências para contar, e Ana Flávia, mulher, preta, gorda, bissexual, artista e tantas outras coisas, também. A verdade é que o processo de seleção foi simples, pois tratam-se de cenas que além de contarem sobre a minha vida, contam sobre a criação de *Do Branco à Carne*. As questões presentes nas cenas descritas acima, como pressão estética, gordofobia, racismo e homofobia foram os elementos principais para a criação do trabalho artístico. Eu e Ana Flávia não fizemos inicialmente uma seleção de temas para a criação, mas decidimos colocar as nossas vozes e as nossas vidas na performance, e os temas abordados surgiram em decorrência dessa decisão. Assim como eu não decidi os temas das cenas antes de incluí-las aqui porque elas contam sobre quem nós somos, o nosso trabalho, também.

Eu não acho que nós somos as nossas violências, eu e Ana Flávia somos muito mais do que isso, e é injusto com quem nós somos e batalhamos para ser, sermos reduzidas às nossas dores. Porém, acredito que todas as nossas experiências nos moldam de alguma forma. Os encontros, as relações, os ambientes, e inclusive as violências que sofremos constituem e moldam os nossos corpos.

Tudo o que acontece comigo e o que parte de mim transforma-se em corpo em tempo real. Todas essas coreografias, orquestrações, respostas e perguntas que vêm para o corpo e partem dele têm a ver com o meu corpo ser mídia dele mesmo. Como Helena Katz e Christine Greiner (2005) defendem através da teoria Corpomídia, o corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, na verdade, ele atua como mídia dele mesmo e não como um veículo de transmissão. É a noção de corpo permeável, que se altera e se desenvolve constantemente a partir do contato com o ambiente. Toda informação, a partir do contato com o corpo, atua, modifica e negocia com as informações que nele já estão. O corpo é um resultado constante de atravessamentos de informações, não um abrigo delas. Todas as informações que chegam até ele, tornam-se corporeidade. Desse modo, compreendo que o meu corpo não é um veículo de comunicação para uma mensagem ser transmitida, eu sou a minha própria mensagem.

PROCESSO E PERFORMANCE

Do Branco à Carne é uma performance que teve sua origem no Estágio Supervisionado de Corpo/Ateliê do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2018. Éramos 6 pessoas e a intenção eram 6 trabalhos solos. Minha vontade inicialmente era realizar um trabalho solo principalmente porque seria um trabalho que dependeria apenas de mim para acontecer.

Juliana Bom-Tempo, professora do Curso de Dança e selecionada para nos acompanhar e nos auxiliar nesse processo, por ter consigo uma didática muito sensível e afetuosa, começou a nos instigar a descobrirmos o nosso interesse a partir de quem éramos. Digo, “éramos”, porque hoje sou completamente diferente da Giovanna de 2018. Entrei na Graduação muito nova, e sinto que isso me atrapalhou em algumas esferas.

Aos 17 anos duas atividades eram predominantes no meu dia-a-dia, de segunda a sexta. De manhã eu ia para a escola e ficava durante horas sentada na carteira ouvindo as explicações dos professores. À tarde e à noite, dançava durante horas e horas, reproduzindo as criações dos professores numa academia de dança. Porém, quando ingressei no Curso de Dança me deparei com algo completamente diferente dos dois âmbitos: a prática artística era algo completamente diferente de tudo o que eu já havia presenciado dentro da dança, e a noção que eu tinha de aula/ensino, também. A demanda não era mais ficar horas dançando a partir da sequência do professor, e também não era só ouvir o mesmo explicar o conteúdo dele na sala de aula. Era preciso me colocar de maneira completamente ativa, eu me vi responsável pelas minhas criações artísticas (e até aquele momento, eu nunca havia criado nada além de pequenas sequências de passos), e além disso, me tornei responsável pelo meu processo de ensino e aprendizagem. Claro que os professores sempre estiveram disponíveis para me auxiliar, mas me foi dada uma autonomia que eu não tinha antes e, aos dezessete anos, foi difícil entender e lidar com essa autonomia.

Sobre o meu processo

Nos primeiros três semestres de graduação eu me sentia extremamente perdida, no final de cada disciplina não sabia o que de fato estava expondo para o professor acerca dos trabalhos práticos solicitados. Foi quando em 2017, no segundo ano (quarto período da graduação) tive a

disciplina Práticas em Dança II: Performances do Corpo, ministrada pelo Professor Alexandre Molina. Nessa disciplina experimentei de fato o que seria um processo criativo, pois iniciamos o semestre refletindo sobre qual era o nosso interesse de criação, com o auxílio da “sacola”, que foi um termo utilizado pelo Professor Alexandre Molina para se referir ao compilado de materiais que selecionamos individualmente no início do semestre, como a primeira etapa do processo criativo.

Durante o semestre, a partir dos nossos interesses definidos, afunilamos, trabalhamos e criamos, juntamente com o auxílio do professor, o trabalho final da disciplina. A minha sacola tinha basicamente objetos que referenciavam a atriz americana Marilyn Monroe (1926-1962), desde quadros, desenhos, almofadas e roupas. Desde a minha pré-adolescência desenvolvi um fascínio muito grande por esta atriz. Até que, dentro dessa disciplina, busquei entender de onde vinha toda essa admiração pelo que significou e ainda significa esse fenômeno. Inicialmente, imaginava que a minha admiração por ela se dava pelos holofotes, pela fama, a sensualidade, o carisma e o endeusamento das pessoas por ela. Porém, dentro desse processo criativo, entendi que era muito mais que isso. Me instigava o quanto ela era brilhante, talentosa, cativante dentro do personagem Marilyn Monroe, mas enquanto Norma Jean (seu nome verdadeiro) era uma mulher que sofria com doenças psicológicas como depressão e ansiedade, tinha problemas de insegurança e autoestima, e possuía uma vida extremamente conturbada. Como uma mulher que se tornou um fenômeno, tinha fama, dinheiro e era endeusada por todos a sua volta, sofreu tanto e foi tão infeliz?

De acordo com Joyce Carol Oates em entrevista concedida ao Estado de São Paulo (2021) e Alexandre Guglielmelli em seu artigo pelo Observatório do Cinema UOL (2021), Norma Jean nasceu em 1 de junho de 1926 e foi criada em Los Angeles, sua mãe era Gladys Pearl Baker e passou toda a sua vida em um hospital psiquiátrico devido a um quadro de esquizofrenia, já o seu pai nunca teve a identidade revelada. Norma Jean passou toda a sua infância em lares adotivos, onde foi abusada sexualmente três vezes. Aos dezesseis anos, casou-se com o seu primeiro marido. Com a ida do homem para a guerra em 1944, Norma mudou-se de cidade com os pais dele e começou a trabalhar em uma fábrica, onde conheceu o fotógrafo David Conover e assim, iniciou-se sua carreira como modelo fotográfica. Até aquele momento, seu nome artístico era Norma Baker (sobrenome de casada de sua mãe). Porém posteriormente um executivo a nomeou de Marilyn Monroe (Marilyn era inspirado na atriz estadunidense Marilyn Miller e Monroe era o sobrenome de solteira de sua mãe). Com a ascensão de sua carreira, Norma, que possuía cabelos castanhos, o pintou de loiro. Se separou de seu primeiro marido em 1946 e se viu sem residência fixa. Foi aí que Marilyn posou nua para revistas

masculinas. Quando foi perguntada o motivo de ter feito isso tão jovem, respondeu que estava com fome. Os primeiros papéis em filmes foram conseguidos por produtores com os quais Marilyn se relacionou e no início dos anos 50, sua carreira decolou com fama, fortuna e fãs. Porém, Norma Jean nunca superou, de fato, todas as violências que sofreu, desde a perda da mãe para uma doença, a falta da figura paterna, os abusos nos lares adotivos, os três casamentos conturbados, os papéis que eram oferecidos a ela e que sempre a objetificavam. E assim, passou por inúmeros psiquiatras e clínicas para tratamento de distúrbios mentais. Norma Jean era uma mulher fragilizada pela sequência de violências e traumas que vivenciou, e além disso, ainda sofria manipulação pelos produtores e diretores que a viam apenas como um objeto sexual e uma fonte de sucesso e dinheiro.

Então, a partir da minha pesquisa, Marilyn Monroe foi minha inspiração para a criação final. Começava comigo já em cena, num canto da sala, sentada no chão. O público entrava e se posicionava ao meu redor, também sentados no chão. Eu estava sorridente, com a feição alegre, e dava gargalhadas olhando nos olhos de cada pessoa que estava ao meu redor, como uma brincadeira de criança que as duas se olham nos olhos e a regra é não poder rir, mas sempre acabam rindo. Aquele contato visual, fazia eu e o público darmos gargalhadas, até que eu começava a conter as risadas, e a minha feição ia se transformando, o meu rosto ia aos poucos dispondo de um aspecto triste, até que eu começava a chorar. Permanecia um tempo chorando e mantendo o contato visual com o público (que se afetava pela minha expressão e também tinham as faces modificadas de alegres e risonhas por faces sérias e tristes), até que depois de um tempo (que eu determinava durante a apresentação), o choro cessava e o trabalho chegava ao fim.

Eu nunca dei continuidade a essa performance, porém, ela continuou comigo pelos próximos semestres e inclusive no processo de criação do trabalho de Estágio. Marilyn Monroe foi utilizada em *Do branco à carne* como um retrato da violência dos ideais de beleza sobre as mulheres brancas de classe média, representadas por mim. A referência mais marcante a respeito de Marilyn Monroe utilizada no processo de criação foi o filme *Sete dias com Marilyn* (2011). O filme é baseado em fatos reais e mostra os bastidores de um filme protagonizado por Marilyn (interpretada por Michelle Williams) chamado "*O Príncipe Encantado*" (1957). No filme, são mostrados inúmeros momentos de crises e inseguranças por parte de Monroe nos bastidores, além dos momentos de glamour, quando ela se colocava em cena. Geralmente, um momento acontecia em seguida do outro. Nos dois filmes, o original "*O Príncipe Encantado*" e "*Sete dias com Marilyn*" existe uma cena da atriz hollywoodiana dançando. Eu me inspirei nessa cena e a recriei para o meu trabalho. Eu me maquiei, coloquei uma cinta que me machuca e

emagrece, coloco o meu figurino (o clássico vestido branco), o meu sapato de sapateado e repito uma sequência de movimentos corporais pela quantidade de vezes referente aos meus anos de vida. Em 2019, o ano da estreia de *Do Branco à Carne*, executava 21 vezes. O que eu quis trazer com esse fragmento inspirado em Marilyn Monroe, foi o glamour através da dor. Ao longo da cena, é nítido o meu desconforto, o meu cansaço e a minha irritabilidade causada pela exaustão, porém, eu não me permito perder a graciosidade dos movimentos. Assim Marilyn me inspira artisticamente, pois Norma Jean foi uma mulher e Marilyn Monroe, outra. Monroe, extremamente sexualizada, dócil, graciosa. E Norma Jean (que poucos conheciam e não queriam conhecer) era a mulher violentada dentro do camarim.

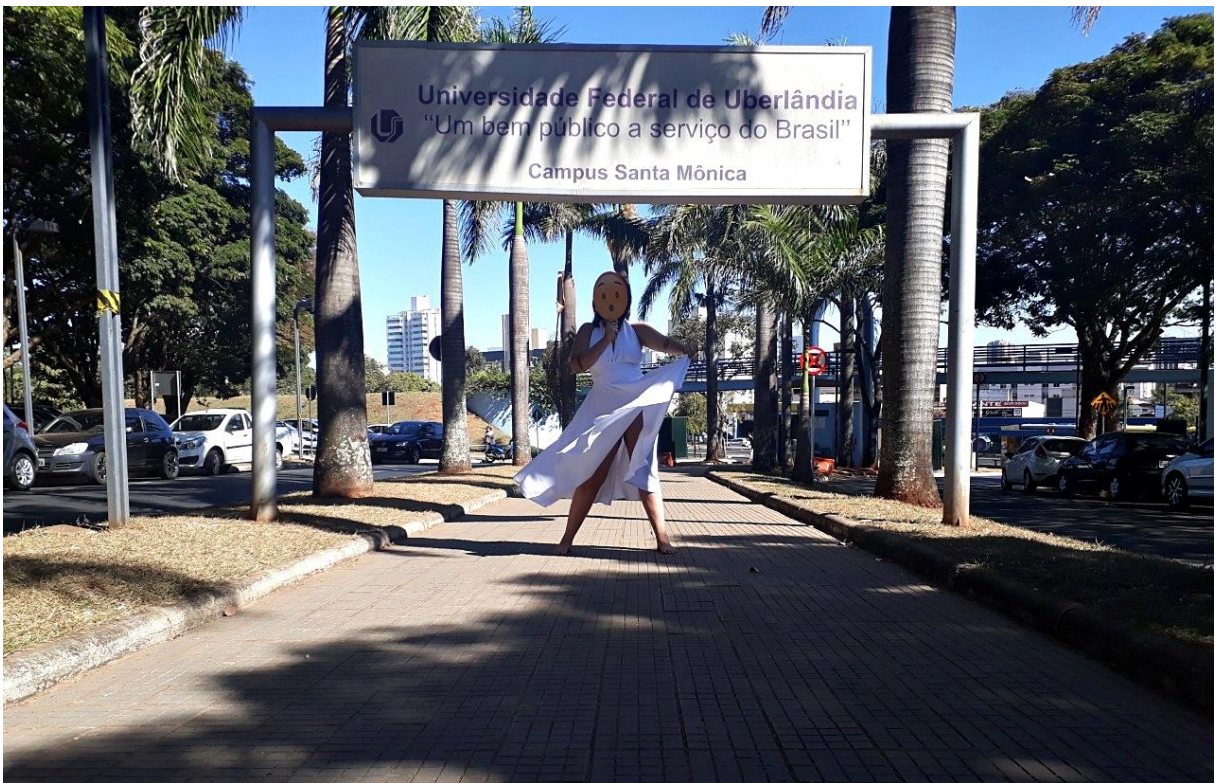
O primeiro passo do Estágio foi uma investigação dos nossos interesses, fizemos meditações, inventários, tudo o que nos auxiliasse a encontrar os nossos desejos de criação. Após essa fase, a ideia era juntar todos os materiais identificados, tudo o que havíamos reunido até aquele momento, e transformar em cena. O resultado da minha experiência foi: utilizei um projetor que reproduzia algumas fotoperformances que desenvolvi em outra disciplina na Graduação (Criação em Dança e Novas Tecnologias, lecionada por Ricardo Alvarenga e Vanilton Lakka) também inspirada na Marilyn Monroe enquanto eu me colocava na frente da projeção, virada de frente para o público em pausa e iniciava um choro.

Figura 6 - imagem produzida para a disciplina Criação em Dança e Novas Tecnologias



Fonte: Arquivo pessoal. 2018. Créditos: Anderson Carioca

Figura 7 - imagem produzida na disciplina Criação em Dança e Novas Tecnologias



Fonte: Arquivo pessoal. 2018. Créditos: Anderson Carioca.

Já o resultado cenográfico da Ana Flávia possuía um espelho que encontrava-se no chão, ela se sentava de frente para o espelho e chorava enquanto se olhava.

Depois que ambas fizemos as nossas apresentações individuais, a professora Juliana Bom-Tempo, juntamente com os outros alunos do Estágio, identificaram uma semelhança entre os nossos dois fragmentos de criação. Depois dessa identificação, a docente sugeriu que apresentássemos de novo, porém, dessa vez, apresentaríamos simultaneamente, eu em um canto da sala, e a Ana Flávia em outro. Foi assim que percebemos uma semelhança não só entre as nossas cenas, mas entre os nossos interesses de composição, então, concluímos que o processo criativo do trabalho do Estágio teria muita potência se mudássemos de dois solos para uma dupla.

Sobre o nosso processo

O processo de criação de Do Branco à Carne aconteceu de dentro para fora. Pensamos em todos os signos presentes no trabalho, como um corpo negro e um corpo branco estariam juntos em cena, o que estariam fazendo, e todos esses questionamentos foram respondidos a partir das nossas experiências como corpo Ana Flávia e corpo Giovanna. Eu e Ana Flávia tínhamos muitos pontos de encontro, a nossa primeira apresentação solo era um reflexo disso, levamos nossas dores para a cena, porém, nossas dores não eram iguais. O corpo Ana Flávia tem uma representatividade e um tratamento diferente do corpo Giovanna dentro da sociedade. Somos mulheres, mas não somos e nunca seremos iguais.

As nossas experiências pessoais e coletivas foram inseridas no trabalho, expomos as nossas dores, as nossas violências, mas sempre separadas por um espelho. Justamente por entendermos que ambas somos diariamente violentadas, mas de formas muito distintas. Ana Flávia, mulher preta, se dispõe nua do início ao fim do trabalho, já eu, uso roupas íntimas e um vestido glamouroso. Eu tenho maquiagens em cena, me produzo com elas. Ana Flávia tem um batom vermelho, que é usado apenas para escrever palavras de violência pelo seu corpo inteiro, e que inclusive, são escritas por mim.

Procurei a Ana Flávia em agosto de 2021 para conversarmos sobre a obra e o processo de criação. Ela aceitou colaborar diretamente com a minha pesquisa. Sobre o processo de criação pela perspectiva da Ana Flávia:

Um elemento muito fundamental no processo de criação foram as escritas que a gente fazia no papel pardo, começamos fazendo separado, cada uma com o seu trabalho mas

depois que viramos uma dupla nós continuamos fazendo, então, por exemplo, no dia que a Juliana Bom-Tempo pediu para que eu e você escrevêssemos nossas vivências, senti que foi um norteador para selecionarmos o que iria para a cena e como estaríamos em cena. Outro norteador do processo criativo foram as conversas, nós conversávamos muito, muitas discussões sobre o que a gente fazia, as conversas depois de executar as cenas, tanto nós duas falando o que havíamos sentido e percebido, tanto o feedback dos nossos colegas. Começamos a entender como se daria um corpo preto e um corpo branco em cena, e foi além de representar as vivências de uma mulher branca e de uma mulher preta, usamos coisas extremamente íntimas e pessoais e tomou uma proporção que contemplava as mulheres que assistiam.

Quando começamos a ter essas conversas nós fomos criando um diálogo que ultrapassava o “discutir questões teóricas do feminismo”, entendemos que aquilo era pessoal porque o feminismo a gente precisa viver. Não é só ler sobre e saber que alguém escreveu sobre isso, era algo que a gente tinha passado, estávamos falando sobre o nosso feminismo, tudo o que havíamos vivido e, foi vivendo que nós entendemos qual era a diferença entre o feminismo branco e o feminismo preto, e a partir disso as conversas foram ficando muito mais intensas. Quando as mulheres brancas estavam conquistando o direito de voto, as mulheres pretas estavam com os filhos dessas mulheres brancas para elas irem protestar. Na escola, quando as minhas amigas brancas já estavam começando a dar os primeiros beijos, eu estava sendo rejeitada sem nem antes saber o que era isso.

Além disso, essas conversas que a gente tinha de falar sobre as nossas vivências, de conversar sobre feminismo, de pontuar essas diferenças, não foi uma coisa fácil. Nós conversávamos, víamos as semelhanças e diferenças e nós duas baqueávamos um pouco, a gente precisava de um tempo pra digerir tudo o que acontecia, principalmente porque nós somos muito amigas, então eu recebia aquilo que você viveu com muito sentimento para depois eu absorver aquilo e colocar no meu corpo durante a cena, sabe? Nós já conversávamos muito sobre as nossas questões, vivíamos muita coisa juntas... eu já vi muita coisa na sua vida, você já viu muita coisa na minha. Acredito que seja por isso que aquela vez que fizemos uma prática ministrada pela Juliana Bom-Tempo como parte do processo criativo, para trabalhar o ilipsoas com a intenção de liberar as emoções, que quando eu ouvi sua voz, o seu choro, eu comecei a chorar também, porque a gente entrou muito uma na vida da outra, era como se eu fosse um pedaço seu e você um pedaço meu. Tudo o que você passava, eu sentia como se fosse comigo. Eu acredito que isso foi o essencial, escrever, conversar sobre o que a gente escreveu, conversar sobre o que a gente queria fazer em cena e não deu certo, o que deu certo e o que a gente estava vivendo na nossa vida pessoal, foi nos juntando de uma forma que não daria para separar em cena mais, nem se se quiséssemos voltar a ser dois solos, ainda estaríamos muito uma dentro da outra, sabe? Mesmo se tivéssemos feito um trabalho solo, ainda ia ter muito de você no meu, e muito de mim no seu. Acho que nós pudemos conhecer nós mesmas de forma muito mais profunda e pudemos conhecer o que era o feminismo na nossa vida. Não que a gente não tivesse vivência disso, mas foi muito mais intenso ver o feminismo agir. Eu particularmente, enquanto mulher preta, prefiro mil vezes ver o feminismo agir na minha vida e agir com o feminismo na minha vida do que falar, falar, falar... porque a gente pôde ver as coisas acontecendo, inclusive quando a gente foi ministrar a oficina só para mulheres com alunas da Graduação, que também foi parte do processo criativo, nós ficamos muito preocupadas, com medo, porque a gente sabe que tem muitos pontos sensíveis em muitas mulheres, e que são muito específicos mas, se nos juntarmos, todas nós nos entendemos, em algum momento vai existir um ponto de encontro. A dor de uma mulher preta e a dor de uma branca não se compara, não se mede, não se diz qual é a que sofre mais, mas a gente tem que ter consciência de qual dor é a mais urgente de ser resolvida. Acredito que entender isso fortaleceu o laço para ficarmos juntas em cena e na vida, porque não dá para separar uma coisa da outra. Eu sinto que mesmo nós duas na nossa vida pessoal, a cena continua acontecendo, sabe? A gente se vendo, encontrando para beber, para fazer qualquer coisa, a cena ainda está acontecendo. Eu sinto que a gente sempre está em trabalho.⁶

⁶ Trecho de uma entrevista feita com Ana Flávia sobre o processo de criação de Do Branco à Carne realizada em agosto de 2021.

Sobre a obra

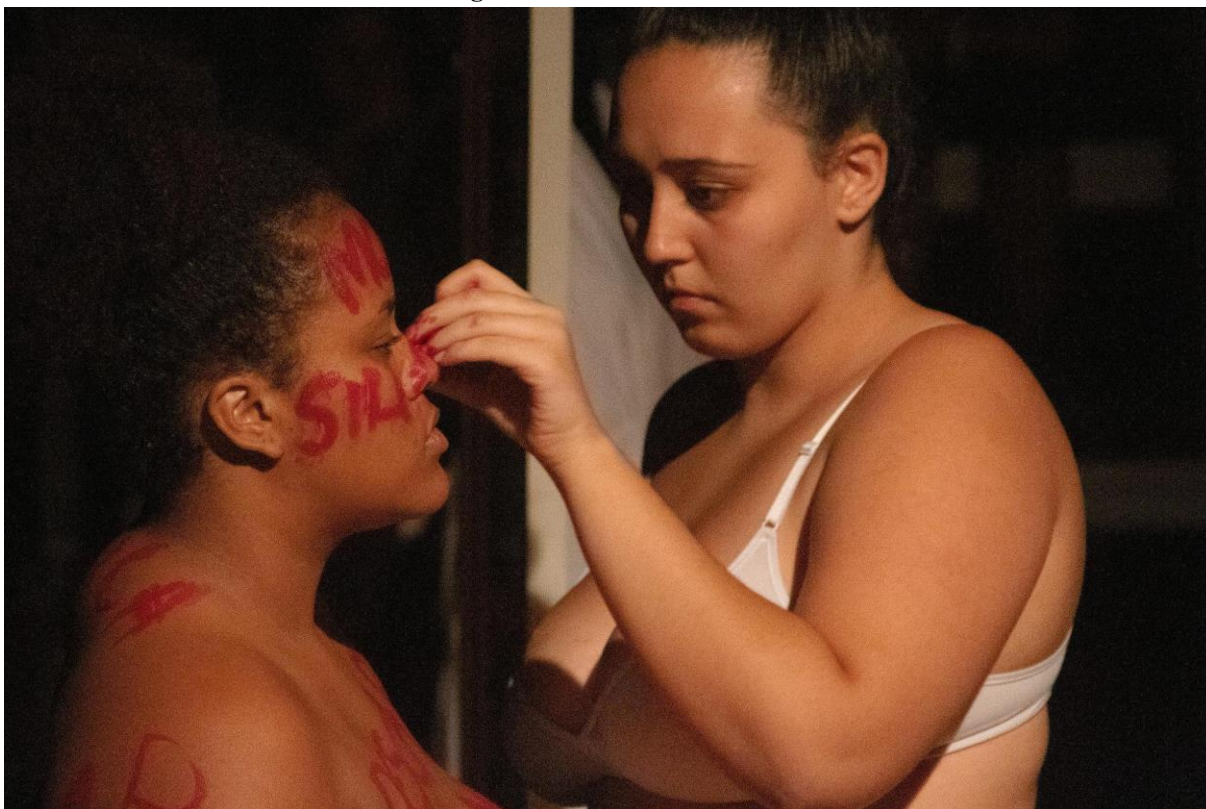
Do Branco à Carne foi uma performance artística desenvolvida no Estágio Supervisionado de Ateliê do Corpo/Atuação I, II e III do Curso de Graduação em Dança, da Universidade Federal de Uberlândia, realizado por mim e por Ana Flávia dos Reis Santos.

Nós estamos em cena durante todo o período da performance, mas sempre separadas por um espelho que nos impede de vermos uma a outra. Iniciamos fora da estrutura do espelho. Eu, uma mulher branca, escrevo com um batom vermelho no corpo nu de Ana Flávia, uma mulher negra, palavras como: “gorda”, “preta fedida”, “doméstica”, “descartável”, “cabelo bombril”, “escrava”, “estuprada”, entre outras palavras e termos que Ana Flávia já ouviu ao longo de sua vida.

Figura 8 - Do Branco à Carne



Fonte: Arquivo pessoal - Do Branco à Carne (2019) - Campinas. Créditos: Mariana Lima.

Figura 9 - Do Branco à Carne

Fonte: Arquivo pessoal - Do Branco à Carne (2019) - Campinas. Créditos: Mariana Lima

Depois disso, nós duas nos deslocamos para o espelho e, separadas pelo objeto, eu começo a me maquiar enquanto Ana Flávia se direciona ao público para mostrar as palavras escritas em seu corpo, cena denominada como “exposição da carne”. Eu, que inicialmente estou vestida apenas com roupas íntimas, começo a vestir um vestido branco que se encontra em um manequim ao lado do espelho, coloco um par de sapatos de sapateado nos pés, e ao mesmo tempo, Ana Flávia corre de uma extremidade a outra do espaço vinte e duas vezes, batendo na parede em todas elas, levando a artista a um nível elevado de exaustão.

Após as vinte e duas vezes, Ana Flávia se desloca para o seu lado do espelho e começa a apagar com suas mãos, as palavras que foram escritas em seu corpo na primeira cena do trabalho. Ao mesmo tempo, eu reproduzo uma sequência de sapateado juntamente com uma sonoridade durante vinte e uma vezes, me levando também à um estado de exaustão.

Imediatamente, quando nós duas acabamos nossas ações, eu tiro toda a minha caracterização e nós duas nos deslocamos para a frente do espelho, ficando uma na frente da outra. Eu tiro a minha maquiagem feita anteriormente em cena, e Ana Flávia solta o seu cabelo que durante toda a performance estava preso, essa ação é feita enquanto nós duas nos olhamos. Depois disso, ainda nos olhando começamos um choro e a performance se encerra.

Figura 10 - Do Branco à Carne



Fonte: Arquivo pessoal - Do Branco à Carne (2019) - Campinas. Créditos: Renata Britto

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias e reflexões presentes neste trabalho, me foi possibilitado entender de que forma as minhas vivências, encontros e reflexões moldaram o meu eu em construção, e mais, o capacitaram para o fazer artístico. As cenas descritas no capítulo Violências, o encontro de feminismos a partir da aliança com Ana Flávia, os estudos sobre os ideais de beleza juntamente com a libertação do corpo feminino e a trajetória pessoal dentro e fora da Graduação, além de me alimentarem pessoalmente, como mulher, feminista, amiga, atravessaram diretamente o meu fazer artístico.

Percebi que a minha forma de fazer arte é extremamente pessoal, mas isso não quer dizer que as minhas criações não estabelecem relações com questões externas à mim. Significa que o meu interesse em estudar e criar arte é através de questões que realmente me mobilizam em meu cotidiano. Percebi ao longo desta pesquisa que minha vida pessoal é também a criação artística. Isso não coloca o meu trabalho num lugar confortável, de estabilidade e tampouco num lugar de egocentrismo. Ao contrário, me coloco extremamente exposta, pois, se o meu interesse é criar a partir das minhas questões pessoais, vou constantemente compartilhar as minhas vulnerabilidades, inseguranças, experiências, ideologias, etc. Foi assim com *Do Branco à Carne*, e com esta pesquisa de conclusão de curso. Entendi na prática que eu sou o meu trabalho e o meu trabalho sou eu. Arte e vida, né? Somos seres múltiplos e diversos habitando o mesmo corpo. Dentro de mim existem a Giovanna mulher, a sapateadora em pausa, a feminista, a estudante, a ativista, a artista, a profissional, a violentada e tantas outras. Essas Giovannas são indissociáveis.

Termino esse trabalho extremamente alimentada pelas questões aqui pensadas e colocadas, e com uma vontade enorme de continuar essa pesquisa levantando esses debates que são tão urgentes e necessários. Enquanto artista, busco entender o meu lugar no mercado de trabalho e assimilar a transição de estudante da Graduação em Dança na Universidade Federal de Uberlândia para artista profissional formada. Por ora, sinto uma necessidade urgente de pensar e desenvolver trabalhos que tenham como foco os ideais de beleza e a disseminação da ideia de libertação dos corpos femininos. Como fazer isso através da arte? Como me tornar uma artista que seja reconhecida por esse trabalho que toca questões tão relevantes para as mulheres? De que forma me sustentar no mercado de trabalho a partir dos meus interesses pessoais?

Todavia, sinto que esse trabalho auxiliou o meu entendimento acerca de várias situações. Fez com que eu assimilasse de maneira mais crítica as violências descritas, fez com que eu assimilasse de forma mais carinhosa a minha trajetória como estudante da Graduação

em Dança, sentindo orgulho do meu processo ao invés de me culpabilizar por um menor aproveitamento em alguns momentos (principalmente no início da Graduação). Fez com que eu me aprofundasse em temas que já eram do meu interesse e faziam parte do meu cotidiano como feminismo e a pressão estética decorrente dos ideais de beleza, e fez com que eu entendesse mais do que nunca a potência da minha amizade com Ana Flávia, além de abrir a minha perspectiva para entender outras vertentes do feminismo, especialmente aquelas preocupadas com recortes raciais.

Encerro este trabalho extremamente satisfeita pelos debates pensados e desenvolvidos aqui e pela pesquisa de forma geral. Torço para que os conteúdos aqui presentes gerem reflexões acerca dos temas abordados e que esses debates se tornem cada vez mais frequentes, principalmente no meio artístico.

O final dessa pesquisa não significa a resolução das minhas questões, pelo o contrário, possuo algumas perguntas que podem gerar desdobramentos artísticos e acadêmicos como: De que forma trabalhar a autoestima e a libertação do corpo feminino através da arte? Como se dá a atuação da pressão estética na dança? Quais são as reverberações dos ideais de beleza em cada tipo de corpo? Ansiosa para descobrir...

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Jussara. In: Site Jussara Belchior. Disponível em: <https://www.jussarabelchior.com/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

BORDO, Susana R. O CORPO E A REPRODUÇÃO DA FEMINIDADE: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41.

ORICCHIO, Luiz Zanin; BRASIL, Ubiratan. EM BIOGRAFIA ROMANCEADA, JOYCE CAROL OATES REVELA A DOLORIDA TRANSFORMAÇÃO DE MARILYN MONROE EM MITO. Estadão, 2021. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,em-biografia-romanceada-joyce-carol-oates-revela-a-dolorida-transformacao-de-marilyn-monroe-em-mito,70003614949>. Acesso em: 29/09/2021.

GUGLIELMELLI, Alexandre. Conheça a trágica história de vida de Marilyn Monroe .**Observatório de Cinema Uol**, 2020. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/famosos/2020/10/conheca-a-tragica-historia-de-vida-de-marilyn-monroe#>. Acesso em: 29/09/2021.

KATZ, Helena. Corpo apps¹: do dispositivo ao aplicativo. In: KATZ, Helena; GREINER, Christine (org.). **Arte e Cognição: corpomídia, comunicação, política**. São Paulo: Annablume, 2015. p. 280.

_____; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. In: GREINER, Christine. **O corpo:: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 153. Disponível em: <<http://arquivoarte.uclm.es/textos/por-uma-teoria-do-corpomidia-ou-a-questao-epistemologica-do-corpo/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUPI GROSSI, Aline: In: Portfólio Aline Luppi Grossi. Disponível em: <<https://linktr.ee/alineluppi>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MAGALHÃES, Fernanda. In: **REDE CHOQUE**. 2020. Disponível em: <<https://www.choquecultural.com.br/pt/2020/08/22/rede-choque-apresenta-fernanda-magalhaes/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

MARCINIK, Geórgia Grube; MATTOS, Amana Rocha. ‘Mais branca que eu?’: uma análise interseccional da branquitude nos feminismos”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, e61749, 2021.

O PRÍNCIPE ENCANTADO. Direção: Laurence Olivier. Produção de: Laurence Olivier. Estados Unidos: **Warner Bros. Pictures**, 1957.

PARENTE, Letícia. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216185/leticia-parente>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

REZENDE, Priscila. In: Site Priscila Rezende. Disponível em: <<http://priscilarezendeart.com/>>. Acesso em: 4 out. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SETE DIAS COM MARILYN. Direção: Simon Curtis. Produção de: David Parfitt; Harvey Weinstein. Reino Unido; Estados Unidos: Entertainment Film Distributors (UK); The Weinstein Company (EUA), 2011.

SILVESTRE, Giovanna. **Stories**. Araguari, 23 set. 2020. Instagram: @giovanasilvestre_. Disponível em: https://www.instagram.com/giovanasilvestre_/.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490 p. Disponível em: <http://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contras-as-mulheres-1.pdf>